

OS INTELLECTUAIS E O TERRORISMO

Cesar Dutra Inácio
Bárbara da Conceição de Mattos Lima
Elson Lima
Arthur Bernardes do Amaral
Maria Fernanda do Amaral Ferreira
Mariana Dias Coelho da Silva
ORIENTADOR: Francisco Carlos Teixeira da Silva

O **Grupo de Acompanhamento e Análise do Terrorismo Internacional (GAATI)** surgiu da necessidade de entender um fenômeno que nas últimas décadas entrou para a agenda das relações internacionais. Desde de julho de 2004, procurando dar atenção a uma nova categoria de terrorismo, temos feito um trabalho de recolhimento e organização de fontes, estudos e discussões acerca do tema no interior do **Laboratório de Estudos do Tempo Presente (IFCS/UFRJ)**. Nosso objetivo é construir um quadro geral do que vem a ser o terrorismo no tempo presente, a partir de um esforço teórico que observe a singularidade da atual fase desse fenômeno.

A presente fase do terrorismo — o neoterrorismo — apresenta características básicas que a singulariza. Entre elas destacam-se: (1) o ataque em massa, apontando para a indiscriminação e potencialização do número de vítimas; (2) não estar presa a uma fronteira ou limite geográfico específico, isto é, não tem um alvo definido *a priori*; (3) a alta incidência do viés islâmico na esteira dos atentados, onde se percebe certa correlação entre fundamentalismo e terrorismo; (4) o militante do neoterrorismo quase invariavelmente passa por um dos três campos de treinamento do Afeganistão (são os chamados *afegãos* que não necessariamente são de nacionalidade afegã); (5) a associação com o narcotráfico é o principal meio utilizado para levantar recursos financeiros; (6) e conta, em larga escala, com ferramentas da modernidade, onde o elemento midiático oferece grande poder de articulação.

Sobretudo após os atentados de 11 de Setembro (Nova Iorque, 2001) e 11 de Março (Madri, 2004), o neoterrorismo ganhou destaque no cenário internacional.

Devido à importância adquirida por tal fenômeno, a análise de quem seriam os Intelectuais do Terrorismo torna-se relevante. De acordo com a concepção de Norberto Bobbio¹, apesar de o termo “intelectuais” só ter surgido na modernidade, eles sempre existiram enquanto papéis sociais. Podemos fazer essa assertiva após reconhecermos que, em toda e qualquer sociedade, há aqueles detentores do poder ideológico que, devido a isso, são responsáveis pela produção e transmissão de idéias, símbolos, concepções de mundo e conhecimento socialmente relevantes por meio da comunicação, sobretudo a comunicação verbal.

Definiremos intelectuais como aqueles que se destacam por sua capacidade de reflexão, compreensão e explicação de uma temática sendo, por conseguinte, vistos por seus semelhantes como autoridade no trato e condução de um determinado assunto. Para fins analíticos, trabalharemos com duas categorias de intelectuais no que se refere ao tema *terrorismo*: Ideólogos e Críticos.

Os **Ideólogos**, aqueles que buscam justificar os atos terroristas a partir de uma visão literal dos textos do Islamismo, compreendem os mentores políticos e as lideranças espirituais dos grupos fundamentalistas. Nesse perfil enquadraremos Osama bin Laden e Abu Qutada, ambos ligados à al-Qaeda. Ao passo que os Intelectuais **Críticos** seriam aqueles que refletem crítico-teoricamente esse fenômeno, refutando suas ações e base ideológica. Nesse modelo destacamos os filósofos Jürgen Habermas e Jacques Derrida e o cientista político Luigi Bonanate.

Para além da diferenciação conceitual, Ideólogos e Críticos diferem também sobre a disponibilidade das fontes e, conseqüentemente, a possibilidade de análise. No caso dos Intelectuais Ideólogos, a dificuldade de acesso às fontes — publicações dos mentores do neoterrorismo — nos obriga a tomar como base pronunciamentos periódicos veiculados pela imprensa internacional e materiais fragmentados. Enquanto os Intelectuais Críticos — Bonanate, Habermas e Derrida — são acadêmicos cujas reflexões sobre o tema encontram-se publicadas e, nestes casos, reunidas em livros.

Esta dificuldade, ao enfraquecer a análise dos Intelectuais Ideólogos, demonstra sob que restrições metodológicas este trabalho se constitui.

INTELECTUAIS IDEÓLOGOS:

Usama bin Muhammed bin Awad Bin Ladin², mais conhecido como Osama bin Laden, nasceu em 10 de Março de 1957 em Riyadh, Arábia Saudita³. Ele é um dos vinte filhos do maior construtor da Arábia Saudita, o magnata Muhammed bin Laden que fundou o império Bin Laden Group. A fortuna de sua família está estimada em aproximadamente 11 bilhões de dólares — sendo 300 milhões de disposição imediata.

A mudança radical ocorrida no mundo islâmico a partir de 1979 torna-se fator primordial para a radicalização adotada por esse personagem e seus asseclas. A partir de 1982, Bin Laden assim como muitos outros muçulmanos foram convencidos — não só pelas monarquias árabes do Golfo Pérsico, mas, sobretudo, pelos Estados Unidos — a lutarem contra os russos que invadiam o Afeganistão com o fito de montar um governo pró-soviético de cunho marxista em uma frente que vinha desde o Paquistão, organizada pela CIA. Os *combatentes da liberdade* que formaram a resistência contra os russos entre 1979-89, os chamados *mujahedins* (cerca de 25 mil muçulmanos).

A conversão de Osama em “iluminado islâmico” combatente aos infiéis é influência também direta do mestre corânico saudita, Abdullah Azzam. Nesse momento, seriam “infiéis”, o regime laico afegão e os russos invasores. Mais tarde a categoria “infiel” seria estendida para outros personagens do cenário mundial.

De 1986 em diante, Osama começou a alistar combatentes de quase todos os lugares onde se cultuava o islamismo, organizando-os em campos de treinamento. As pregações de Osama bin Laden e dos outros *wahabitas* soavam para os militantes como a demonstração de que o islamismo sunita estava ativo e cumpria seus deveres, diferente da Revolução Islâmica xiita vista como oposição a essas características. Mais tarde, tais pregações ganhariam a dimensão de repulsa aos EUA — estes acusados por profanarem a terra santa islâmica e agredirem à fé —, cristalizadas no texto de Osama intitulado *Expulsar os politeístas da Península Arábica*. Este último

teve como base os *Versículos da Espada* — retirados do Corão — utilizados pelo líder fundamentalista através de uma interpretação literal dos textos sagrados descontextualizando-os de seu contexto histórico⁴. Desde 1988, Bin Laden deu início à *al-Qaeda* (*A Base*, em árabe) que significaria um complexo banco de dados — formando uma rede internacional — que agregaria milhares de defensores da luta islâmica contra os infiéis. Já em 1989, Osama passa a conviver com o rei Fahd e outros políticos que constituíam o centro de poder da Arábia Saudita, uma vez que foi exaltado como um herói na ocasião de seu retorno a este país.

Em 1991, quando eclode a Guerra do Golfo, os Estados Unidos e o governo da Arábia Saudita passam a ser alvos em potencial da mira de Osama. A rivalidade frente aos EUA se deveu ao estabelecimento de tropas norte-americanas em plena Arábia Saudita — considerada terra santa para os muçulmanos — com o intuito de efetuar operações contra o Iraque. Já no que tange àquele país, o argumento principal para a fúria de Osama bin Laden e seus seguidores seria a traição realizada pela dinastia Saud ao permitirem tal atitude estadunidense.

Al-Qaeda, além de realizar especulação financeira, movimenta contas de aproximadamente 25 milhões de dólares por ano nos Emirados Árabes, Grã-Bretanha, Quênia, Arábia Saudita, Estados Unidos e Tanzânia. Com o 11 de setembro, acredita-se que Osama tenha faturado três bilhões de dólares⁵.

Omar Mahmud Othman⁶, mais conhecido como Abu Qutada, 44 anos, clérigo jordano-palestino é mais freqüentemente relacionado ao fato de ter sido o líder espiritual e financiador dos atentados de 11 de Março de 2004 (Madri, Espanha), entretanto, sua influência ao terrorismo aponta para antes dos atentados de 11 de Setembro de 2001 (Nova Iorque, EUA).

Em suas *fatwas*⁷ (decretos religiosos), Abu Qutada incitava o assassinato de todos os que podiam ser considerados contrários a fé demonstrando nitidamente a incapacidade de se tolerar o *outro*⁸: “Você tem a missão frente aos infiéis de eliminar

seu domínio, matar seus filhos e destruir suas casas. A condenação de Deus sobre essa gente (os infiéis) é matá-los”⁹.

Sua influência chega a al-Qaeda meses antes do 11 de Setembro quando escreve uma *fatwa* defendendo Osama bin Laden, os Talibãs, a Irmandade Muçulmana Síria e os críticos de Tafir Wal Hijra dos chamados takfíries — uma das correntes mais radicais do salafismo¹⁰, este último, por sua vez, em sua concepção moderna pós-11-S, passou a ser considerado como o “reformismo” ou a “purificação” do Islã — que criticava a aliança entre Osama e os Talibãs, haja vista que estes últimos, os Talibãs, reivindicavam o reconhecimento da ONU, órgão considerado inimigo para os takfíries. Logo suas pregações o transformariam no líder espiritual dos integrantes da al-Qaeda na Europa.

Desde 1995, Abu Qutada tem estabelecido relações com os terroristas que participaram do atentado à Madri e também com o sírio naturalizado espanhol, Mustafá Setmarián, 47 anos, fundador da primeira célula da al-Qaeda. Setmarián se mudou para Londres visando dirigir a revista *al-Ansar*, boletim da GIA argelino.

Em 23 de outubro de 2002, Abu Qutada foi preso pelas autoridades do Reino Unido ficando encarcerado na prisão londrina de Belmarsh. Foi liberto em 11 de Março de 2005 — mesmo após a justiça jordaniana tê-lo condenado a 15 anos de prisão por financiar a al-Qaeda.

INTELECTUAIS CRÍTICOS:

Ao buscar uma clara definição para o terrorismo, Luigi Bonanate¹¹ entende o terrorismo como uma estratégia política que visa a mudança do *status quo*. Destaca o autor que o terrorismo é um expediente usado por grupos clandestinos que expressam o uso ilegal e ilegítimo da violência.

O terrorismo tem ganhado destaque em nossos dias por possuir uma outra configuração: o aspecto internacional. Duas situações caracterizam as táticas terroristas: as guerras de libertação nacional e as batalhas contra a ocupação. No caso do terrorismo internacional (que aqui denominamos neoterrorismo), aos

adversários políticos soma-se um terceiro alvo: o Estado. Os grupos terroristas não possuem um aparato estatal que os respalde, caracterizando a assimetria desta relação conflituosa. Só restariam aos terroristas recorrer a ações irregulares neste embate, uma vez que um confronto nos termos de uma guerra convencional seria uma disputa impossível de ser vencida.

Por outro lado, a compreensão do neoterrorismo recebe outras contribuições. Desse modo Jacques Derrida¹² alerta para a maneira confusa e abusiva que o conceito tem sido utilizado. O autor fornece as bases para análise do terrorismo a partir da Filosofia da Linguagem, através do *desconstrutivismo*. Nesse terreno o pensamento de Derrida torna-se uma resposta aos desafios das correntes teóricas cujas conexões históricas e textuais envolvem cada palavra. De modo simplificado, a *desconstrução* corresponde a esmiuçar as palavras e iluminar seus conceitos, gênese, pressupostos, axiomática – ou seja, os “continentes escondidos”¹³, numa acepção do autor reiterada por Giovanna Borradori.

O termo já foi utilizado para nomear, em diferentes momentos históricos, diversos movimentos que em seguida foram reconhecidos como movimentos de independência, emancipacionistas e libertadores. Assim ficou suscetível com o uso orientado e ideologicamente instrumentalizado. Uma vez que já se relacionou o terrorismo a diversas formas conflito, Derrida apresenta o fenômeno como “o sintoma de uma desordem auto-imune”¹⁴, que pode destruir o sistema legal da democracia participativa e a demarcação entre religião e secularismo. Neste sentido, cabe ressaltar que o terrorismo global aparece intimamente ligado à modernidade e ao Iluminismo, como ideais de secularização e racionalidade, no mundo globalizado. Diante da instabilidade e do terror, o autor ressalta a necessidade de se avaliar e reinventar a linguagem das relações internacionais contemporâneas com novas concepções jurídico-filosóficas. Portanto, Jacques Derrida acredita na necessidade – em especial o *desconstrutivismo* – de a reflexão filosófica continuar a ser praticada e desenvolvida a fim de que a legislação internacional venha a ser respeitada.

Já Jürgen Habermas¹⁵ identifica o terrorismo como um fenômeno próprio do mundo moderno, “ele é o efeito do trauma da modernização que se espalhou pelo mundo em uma velocidade patológica”¹⁶. Sua ideologia mostra-se essencialmente avessa à modernidade e à secularização, reforçando a concepção derridiana. Enquanto certos valores do Iluminismo representam o produto do uso que um sujeito pode fazer de sua razão, o fundamentalismo se coloca como extremo oposto na medida em que uma verdade revelada não faz diferenciação alguma entre religião, conhecimento secular e política.

A análise do autor se desdobra em inúmeros aspectos. Dentre os quais destacam-se: a relatividade presente no discernimento de terrorismo, crime comum e outras formas de violência, marcando a especificidade que o neoterrorismo carrega; a importância da mídia para esse tipo de evento (daí a escolha e a força simbólica dos alvos); o papel que a religião vem desempenhando no sentido de arregimentar as antigas orientações políticas.

O emprego da *Teoria da Ação Comunicativa* é o que há de singular no tratamento dado por Habermas ao tema. Em suma, essa teoria prega que uma racionalidade pautada no sujeito deva dar lugar a uma razão intersubjetiva. Se o terrorismo pode ser entendido como o ponto mais extremo do lapso nas condições que possibilitam uma comunicação produtiva, é precisamente no uso de um modelo comunicativo que priorize as condições de diálogo como maneira de contornar esse quadro. O que de uma forma prática representa a reestruturação da lei internacional clássica.

A ação comunicativa de Habermas, embora sofra crítica, fornece matéria ao entendimento de questões que envolvem o terrorismo, e uma prova disso é o rumo que o combate ao terrorismo ganharia caso as decisões tomadas representassem o uso interativo da razão. A “guerra contra o terrorismo”, nesse sentido, move-se na contramão da proposta dialógica que a ação comunicativa encerra, uma vez que tal luta dá um conteúdo político que o terrorismo pós-11 de Setembro não possui, haja

vista que os desdobramentos das ações terroristas só assumem formas políticas retrospectivamente. Por exemplo, se tomarmos os movimentos nacionalistas de libertação, mesmo quando taxados de terroristas, com o passar do tempo seus atores podem se converter em novos líderes políticos. Já o neoterrorismo não possui tais metas politicamente concretas, daí Habermas descaracterizá-lo como fenômeno político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente trabalho ainda está em desenvolvimento. As definições ainda são relativamente fluidas, devido às limitações impostas pelas fontes. O intuito inicial de analisar tanto os Ideólogos quanto os Críticos permanece.

É notório que as biografias dos indivíduos influenciam sobre seus perfis intelectuais. Nos críticos suas produções teóricas eram de fácil acesso e, devido a limitações de espaço, optamos por não relacioná-las as suas biografias. Entretanto, ao tratarmos dos Ideólogos a situação se inverte. Suas fontes de produções intelectual são muito escassas ou inexistentes, daí a menção de suas biografias.

Feitas tais ressalvas, encerramos esta primeira etapa de nosso trabalho (materializada nesta contribuição) e inauguramos uma segunda fase na qual pretendemos detalhar melhor as correntes religiosas que fundamentam as interpretações dos Ideólogos.

Notas

1 Cf. **BOBBIO**, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: UNESP, 1997.

2 Cf. **CIA**, *Usama bin Ladin: Islamic Extremist Financier*, 1996. I Document 1. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB55/index1.html> Acessado em 27/Julho/2004

3 Cf. *Osama bin Laden*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Osama_bin_Laden Acesso em 24/Maio/2005.

4 Cf. **TEIXEIRA DA SILVA**, Francisco Teixeira. *Al-Qaeda (Prática Terrorista)*. IN: Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004. p. 27-29.

5 Cf. **TEIXEIRA DA SILVA**, Francisco Teixeira. *Al-Qaeda (Organização)*. *Op. Cit.* p. 25-27.

6 **EL PAÍS**. *El referente espiritual*. 12/Março/2005. p. 02.

7 *Fatwa*. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Fatwa> Acesso em 27/Maio/2005.

8 **TEIXEIRA DA SILVA**, Francisco Carlos (org.). *O Século Sombrio: uma história geral do século XX*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

9 **EL PAÍS**. *El fanático salafí Qutada y el 11-M*. 13/Março/2005. p. 21.

10 *Salafi*. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Salafism> Acesso em 27/Maio/2005.

11 Cf. **BONANATE**, Luigi. Terrorismo Político. In: **BOBBIO**, Norberto et alli (org). *Dicionário de Política*. 12ª edição. Brasília: UNB, 2004. pp. 1243-1245.

12 Cf. **BORRADORI**, Giovanna. *Filosofia em Tempo de Terror: diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

13 **BORRADORI**, Giovanna. *Filosofia em Tempo de Terror: diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (p. 23).

14 Idem. *Op. Cit.* p. 32.

15 Idem. *Op. Cit.*

16 **BORRADORI**, Giovanna. *Op. Cit.* p. 34.